

ESTADO X SOCIEDADE:
A Gazeta de Sergipe e o governo de Leandro Maciel (1955-1959)

Carla Darlem Silva dos Reis¹

Resumo

Através da influência que exerce a mídia é capaz de levar a ascensão ou queda dos governos. Em Sergipe o veículo de informação que possuía esse poder era a *Gazeta de Sergipe*, esse periódico buscou, nos anos em que circulou, denunciar os escândalos políticos e econômicos, tendo como principal alvo de combate o governador Leandro Maciel (1955-1959) considerado pelo jornal um governo “incompetente”, fazendo com que Maciel perdesse popularidade e não conseguisse sua reeleição. Esse estudo foi realizado para compreendermos a relação entre Sociedade x Imprensa x Governo, sendo pautado no eixo da história política. Para isso foram feitas análises nos editoriais e manchetes concernentes ao administrador público supracitado, bem como entrevistas com ex-jornalistas que fizeram parte do corpo editorial da Gazeta.

Palavras-chave: Imprensa; Política; Sergipe.

1. - Introdução

A influência que a mídia exerce sobre os homens é deveras importante para o rumo dos governos, desse modo, os chefes políticos buscam ter os principais veículos de comunicação aliados ao seu governo. Em Sergipe havia um periódico de alto poder persuasivo, a *Gazeta de Sergipe* que circulou ininterruptamente, por quase cinco décadas. Suas páginas traduziam a inquietude de um jornalista que estampava em seu jornal a vontade de uma política mais justa, mais humana. Não é raro encontrar nas edições da *GS* denúncias contra os escândalos políticos e econômicos dos anos em que o periódico funcionou. Para entendermos por quais motivos a *GS* tornou-se esse ícone combativo do jornalismo sergipano temos que analisar a sua história e seu envolvimento nos meandros políticos. Desse modo, esse estudo se propõe a traçar um breve panorama histórico da *Gazeta*, apontando as principais características do periódico, bem como analisar o jornal pré-64 e o governo de Leandro Maciel, que foi deveras combatido pela *GS* durante o período no qual exerceu seu mandato (1955 – 1959), sendo alvo de severas críticas, além disso, buscamos notar a maneira com a qual a sociedade foi manipulada, nesse período, através do jornal. Para isso foram feitas análises nos editoriais, manchetes, bem como entrevistas com ex-jornalistas que fizeram parte do quadro do jornal.

1.1 - Breve panorama histórico da *Gazeta de Sergipe*

Em 1927 ao ser eleito presidente do Estado Manoel Côrrea Dantas – pai de Orlando Dantas -, funda a *Gazeta de Sergipe* como um meio de sustentação de seu governo, levando Orlando Dantas a perceber o poder manipulador que a imprensa pode exercer de modo que em 1948 o jornal aparece como órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro (PSB) em Sergipe, dando-se assim, a primeira fase da *Gazeta*.

A segunda fase do jornal tem início em 13 de janeiro de 1956 e intitulava-se *Gazeta Socialista* de acordo com Flávia Martins e Joana Cortês (2003) o jornal “ressurgiu apenas sob o comando de Orlando Dantas. A sede se localizava na Rua São Vicente, 84, sala 6, - hoje rua Florentino Menezes – bairro Centro”.

Ao retomar as suas atividades jornalísticas, Orlando Dantas escreve o editorial da 1ª edição de 13 de janeiro de 1956 intitulado ‘Novos Rumos’ explicitando as intenções do novo veículo de informação sergipano:

A *Gazeta Socialista* reaparece como um programa de ação amplo, não obstante ser um jornal partidário. Sem faccionismos, proporcionará ao público sergipano um noticiário abundante, imparcial e completo, trazendo assim, os seus leitores informados do que se passa em todos os setores da vida social, política, econômica e financeira do Estado [...] Será um jornal que espera em Deus pelas suas críticas judiciosas, pela justeza dos seus conceitos e, sobretudo, pela firmeza de suas atitudes de reformas econômicas-sociais e das liberdades asseguradas pela nossa Carta Magna. Politicamente, repudia qualquer espécie de “ditadura”, de direita ou de esquerda, como também os movimentos golpistas, supostamente salvadores e em nome de uma democracia que mais representa o reino de Calibam, dos endinheirados, da mediocridade baseada na astúcia e que fazem mais descreer-se das virtudes da democracia do que mesma na sua capacidade de realizar o bem público. (*Gazeta Socialista*, 13de janeiro de 1956, p.1, 1ª Edição).

Diversos eram os temas tratados pelo semanário. Dentre as colunas encontradas no diário temos: “A vida da cidade”, “Noticiário Internacional”, “Noticiário Político” (mais tarde Panorama político), “Gazeta nos Esportes”, “A vida nos municípios”, “Forenses”, “Coluna Sindical”, “Variações em Fá Sustenido”, “Economia e Finanças”. As edições do jornal oscilavam com quatro ou seis laudas e algumas chegaram a ter até oito laudas.

Os temas, em sua maioria, versavam sobre política trazendo entrevista com deputados, a exemplo de Seixas Dória e vez ou outra, alfinetando a situação da administração pública, que naquele momento era o governador Leandro Maciel. Em editorial de 11 de fevereiro de 1956 critica o primeiro ano de governo de Maciel.

Em entrevista concedida às jornalistas Flávia Martins e Joana Cortês no trabalho intitulado *Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe*, o jornalista João Oliva Alves recorda-se da coluna que assinava, bem como a coluna assinada por Ariosvaldo Figueiredo:

Ariosvaldo Figueiredo fazia a coluna editorial Papel Carbono, enquanto eu escrevia uma outra, chamada Buraco da Fechadura. Ele chamava atenção para dados quase filosóficos, numa espécie de dialética romântica. Já a minha coluna tratava especificamente de denúncias. Era como se a gente procurasse penetrar nas coisas que se passavam por trás dos gabinetes de políticos, administradores e empresários, como se a gente tivesse com o olho no buraco da fechadura. (2003, p.6)

O jornal se mostrava deveras combativo indispondo-se com a UDN devido às suas denúncias corriqueiras sobre atentados políticos e corrupção. Constantemente enfrentava o governo de Leandro Maciel e definia-o como sendo um governo personalístico, cartorial e demagógico, pela forma em que procura ligar-se às massas trabalhadoras. Afirmando assim que, “por essas razões o temos combatido e continuaremos sem sombras de dúvida” (*Gazeta Socialista*, 23/07/1957).

Embora fosse um jornal importante no âmbito político não diferia dos outros periódicos encontrados em Sergipe nesse momento no que diz respeito as técnicas e amarras políticas. No entanto, Orlando Dantas percebe que esse quadro deveria mudar para tornar-se o precursor da imprensa sergipana, de modo que em 12 de junho de 1958 dá o primeiro passo ao modificar o nome do jornal de *Gazeta Socialista* para *Gazeta de Sergipe*, justificando a mudança no editorial da edição nº274:

A direção de ‘Gazeta Socialista’ comunica aos seus leitores, assinantes e anunciantes, a mudança de nome deste órgão para ‘Gazeta de Sergipe’, a partir da próxima edição, tendo em vista acabar a confusão que muitas pessoas fazem, atribuindo a propriedade de ‘Gazeta Socialista’ ao PSB, secção de Sergipe, em virtude do nome do jornal e das ligações políticas e ideológicas existentes entre o Sr. Orlando Dantas, nosso Diretor Proprietário e aquele partido, do qual é seu Presidente em nosso Estado. Cumpre advertir aos leitores de que a mudança do nome não implica de forma alguma, na mudança de orientação ideológica, pois ‘Gazeta de Sergipe’ continuará batendo-se pelos mesmos ideais. (*Gazeta Socialista*, 12 de junho de 1958; Edição nº274, p. 2).

O projeto de consolidação da GS como um veículo importante de informação iniciou-se ainda em 1956 quando o jornal passou de semanal – em janeiro -, para circular duas vezes por semana em setembro do mesmo ano. Em 1958 quando passa a se chamar *Gazeta de Sergipe* o jornal chegava às ruas as terças, quintas e sábados. A GS passa a funcionar na

avenida Rio Branco, 310 – Fundos: salas 2A e 3A – bairro Centro, em prédio que pertencia ao Dr. Augusto Leite.

As pretensões do jornalista, no entanto, estavam além da circulação do periódico três vezes por semana, sendo assim inicia campanha para incentivar assinaturas ao veículo de informação para poder transformá-lo em um matutino diário. Paulo Brandão explica que isso acontece por que:

ele resolve empresariar o jornal, transformá-lo em uma empresa, transformá-lo em uma S.A, o que pra época era um negócio extremamente inovador ele cria a empresa *Gazeta de Sergipe S.A.* e lança ações. Então, a Gazeta tinha duzentos e tanto, quase trezentos acionistas [...] todos os amigos conhecidos, donos de banco, compram ações. Era uma das empresas de Sergipe que mais tinha acionistas, obviamente ele tinha maioria, ele compra, começa a comprar os equipamentos, na época ele compra o linotipo, hoje é peça de museu, mas na época era inovador para aqui. (Entrevista concedida à autora em 17/03/2012)

Dessa forma em fevereiro de 1959 anuncia à sociedade sergipana a inovação trazida à imprensa de Sergipe:

Ao Público. A partir de 1º de março próximo este órgão passará a circular diariamente, de maneira regular, concretizando, assim, um velho sonho da imprensa sergipana. Procurando melhor servir ao povo da nossa terra, esperando contar com a colaboração e o incentivo de todos (Gazeta de Sergipe, 26 de fevereiro de 1959, p.2).

A *Gazeta de Sergipe* é um dos expoentes necessários para que possamos compreender as transformações socioeconômicas por qual o estado de Sergipe passou nas décadas de 1950 e 1960. De acordo com Ibarê Dantas (1997) a *Gazeta de Sergipe* nas suas duas fases foi “o jornal mais influente e temido da sociedade sergipana” (1997:142). Principalmente por ser um local onde se tramavam jogos políticos e até eleições de governadores.

Alguns políticos da UDN, por exemplo, foram duramente criticados e tiveram sua imagem comprometida devido às denúncias lançadas pela GS. Um desses políticos foi o governador Leandro Maciel (1955-1959), sendo apontado como um mau governo tanto nos editoriais, quando em manchetes.

1.2 - Estado X Sociedade: A *Gazeta de Sergipe* e o governo de Leandro Maciel (1955-1959)

Político tradicional de Sergipe, Leandro Maciel nasceu na cidade de Rosário do Catete em 08 de dezembro de 1897. Pertencia a duas ilustres famílias sergipanas *Maynard* e *Maciel*. Antes de enveredar pelos caminhos da política cursou Engenharia Civil na Politécnica de

Salvador. Ao concluir o curso foi convidado por Manoel Correa Dantas (governador de 1927-1930) – pai de Orlando Dantas – para ser Diretor do Departamento de Obras Públicas em Sergipe, exercendo o mesmo cargo na interventoria de Augusto Maynard.

No ano de 1934 funda o Partido Socialista Democrático (PSD) dando início a sua vida política sendo eleito senador e permanecendo na função de 1935 a 1937. Tempos depois rompe com o PSD e passa a fazer parte da União Democrática Nacional (UDN), partido no qual se apresentava como maior liderança e em 1955 se elege governador do Estado.

Para disseminar os feitos do seu governo Leandro Maciel contava com o diário *Correio de Aracaju*² que pertencia à UDN. Em contrapartida, para criticá-lo, havia o jornal *Gazeta de Sergipe*, que pertencia ao seu desafeto político Orlando Dantas. Com certa frequência os editoriais³ e as notícias traziam exprobrações ferozes ao então governador.

Embora parecessem inofensivos, os escritos dos jornalistas, atacavam veemente a situação governamental. No primeiro ano do governo de Maciel os editoriais versavam sobre a suposta incapacidade do governador em administrar o Estado de Sergipe. Não era raro qualificarem o engenheiro como “impopular, demagógico e prepotente”.

Esses editoriais costumavam classificar a administração de Maciel como “intranquilizadora” para a sociedade uma vez que a “falta de segurança” assolava o Estado com “crimes bárbaros”. Dessa maneira o povo era chamado à “esclarecer e conduzir todos aqueles que se desviaram da rota certa do viver em sociedade [...] Sergipe deve erigir a justiça como patrono dos que sofrem na sua liberdade de agir, pensar e andar” (*Gazeta de Sergipe*, 3 de novembro de 1956, p. 3). O periódico desenhava uma má imagem do então governador, além da segurança pública, outros pontos eram abordados, a saúde pública, a educação. Maciel era visto muito mais como um “executor de acordos administrativos” do que como um governador⁴.

O descaso do governo com a educação era um dos pontos mais criticados, pois o corpo editorial acreditava ser esse um dos mecanismos da libertação do povo, para eles o que se tinha no Estado era uma “educação praticada por um governo que mantém ainda a instrução julgada aos caprichos do “chefe político”, **com professorado incapaz, a serviço dos seus interesses eleitoreiros, não proporcionará, tão cedo, a libertação do povo**”. (*Gazeta de Sergipe*, 25 de julho de 1957:2). De acordo com o periódico outro setor tratado como desimportante foi a saúde pública, pois,

Não servem bem a propaganda eleitoral, não aumentam a clientela partidária. Ora, tendo o governo as suas vistas voltadas para o domínio

político do Estado e para as obras de fachadas, que impressionam, é evidente o desinteresse com que vem sendo tratado esse importante setor administrativo. (Gazeta de Sergipe, 25 de abril de 1957, p. 1)

A eleição do udenista foi tida, como um desvio eleitoral, de acordo com nota do jornal, “A vitória do Sr. Leandro Maciel foi erro de uma minoria transformadora em maioria nos laboratórios de uma justiça eleitoral francamente partidária”. (*Gazeta Socialista*, 12 de junho de 1958, p.1). Para o proprietário da *GS* Leandro Maciel “usurpou o poder estadual das mãos do Dr. Edézio Vieira de Melo” (*Gazeta Socialista*, 07 de junho de 1958, p.1), médico e político nascido na cidade de Rosário, cursou medicina em Salvador e ao retornar para Sergipe ocupou o posto de médico, professor voluntário e diretor de um grupo escolar na cidade de Capela. De acordo com Luiz Antonio Barreto na Sessão Especial da Assembleia Legislativa em 08/09/2009⁵, foi essa junção de atividades que o levou à ingressar na vida política. Filiando-se ao PSD em 1945, sendo eleito vice-governador em 1950, em 1955 perde as eleições para Leandro Maciel e vem a falecer em 1962, por conta de uma arritmia cardíaca.

Mesmo antes de 1958, críticas eram feitas ao governo Maciel. Ainda em 11 de fevereiro de 1956 ao completar um ano de governo o udenista foi “presenteado” com um editorial, que fazia um relato do que fora seu governo de 1955 a 1956. Para o jornal, Leandro Maciel publicou seus feitos nos meios de comunicação que lhe serviam àquele momento, regozijando sua administração. Tendo cabido à *GS* o papel de fazer um balanço “imparcial” do governo, sendo contrário, principalmente, ao posicionamento político tomado por Maciel. De acordo com o editorial:

O Sr. Leandro Maciel procurou sintetizar a sua reação às forças dominantes com “slogans” preparados para atrair as simpatias dos centros intelectuais do país [...] A sua palavra de ordem seguida pelos “scripts” cariocas era de **libertar o pequenino Sergipe da velha oligarquia que dominava o Estado, há trinta anos**. Acontece, todavia, que o **grupo dirigido pelo Sr. Leandro Maciel tinha e tem as mesmas origens econômicas e sociais dos que ele combatia**. São igualmente grupos oligarcas que encontraram no chefe udenista sergipano o dirigente identificado com o seu pensamento e com muito maior **sentido conservador, pelas suas próprias qualidades formação cultural**. Aí temos estereotipado a figura do homem que encara o atual governo do Estado. (*Gazeta Socialista*, 11 de fevereiro de 1956, p.1 - grifo nosso).

Ainda em 1956 o diário redigiu outro editorial enfatizando os erros ocorridos no governo de Maciel, além de questionar a violência que assolava Sergipe, já que não eram raros os crimes que aconteciam na capital e no interior. Para ele o governador utilizava os

crimes que aconteciam como pretexto político para derrubar seus adversários. Considerando assim que “de erro em erro, os fatos ocorridos são os testemunhos da **incapacidade governamental.**” (Gazeta Socialista, 3 de novembro de 1956, p.3 – grifo nosso).

O discurso do jornal ⁶visava desestabilizar a imagem política do governador. Como já citado Leandro Maciel era o herdeiro político de Manoel Dantas e devido a isso as comparações feitas entre os dois eram frequentes. No editorial intitulado *Emaranhado político* Leandro Maciel é elogiado por um lado e sofre retaliações por outro:

O Sr. Leandro Maciel era um dos mais eficientes auxiliares da administração Manuel Dantas e demonstrava um zelo admirável pela cousa (sic) pública [...] porém as cousas (sic) do mundo acontecem não por acaso, e sim, devido as tendências e fatores íntimos de cada personalidade. No Sr. Leandro Maciel existia organicamente condições imitativas da orientação Gracho Cardoso e jamais do seu patrono, presidente Manuel Dantas. (23 de novembro de 1957, p. 2)

Embora o jornal não seja totalmente imparcial - uma vez que todo veículo de informação é impregnado por um conjunto de representações e interpretações do mundo social, fazendo com que seus estigmas sobressaltem a imparcialidade – podemos perceber no governo de Leandro Maciel um personalismo extremo ao fazer da máquina governamental uma extensão da sua vida pessoal, de modo que os seus amigos e correligionários ocupavam bons cargos e tinham autonomia para tomar decisões dentro do órgão que ocupavam.

A relação mantida entre a sociedade e o governo não era das melhores, pois o caos instaurara-se na educação, saúde e segurança. Os professores e funcionários públicos recebiam mal, tendo até que “pescar para não morrer de fome” (*Gazeta Socialista*, 24 de abril de 1957, p. 2). A saúde pública estava à mercê do caos, varíolas, epidemias e endemias. Para o periódico esse setor da administração pública não recebia incentivos suficiente, pois o governo se importava mais com “as obras de fachadas, que impressionam” sendo “evidente o desinteresse com que vem sendo tratado esse importante setor administrativo” (*Gazeta Socialista*, 25 de abril de 1957, p. 1).

Outro momento para refletirmos sobre a prepotência governamental desse período é um fato envolvendo um estudante de direito *Manuel Pacheco* e Leandro Maciel, segue o fato relatado abaixo na notícia intitulada *Prepotência governamental*:

O clima de intolerância e prepotência imposto aos sergipanos pelo atual governo do Estado, possui facetas várias e que não podemos deixar de emoldurá-las [...] uma das facetas desse governo autoritário foi descoberta na Semana Nacionalista, que a União dos Estudantes e os trabalhadores sergipanos, pelos seus Sindicatos Operários, organizaram para melhor esclarecimento do povo. [...] chegava o carro oficial do Estado para convidar

o Sr. Manuel Pacheco a comparecer ao Palácio Olímpio Campos. Introduzido numa das salas, com os guardas à porta, o governador Leandro Maciel, transtornado pela ira, [...], agrediu o estudante com palavrões, não permitindo ao menor explicação. Inteiramente dominado pela raiva, virou-se para o jovem estudante e declarou-lhe: “Não pise mais em Palácio, para pedir-me qualquer cousa (sic), em nome da sua classe e retire-se daqui”. Ai está, para a meditação dos sergipanos, uma passagem que a história vae (sic) registrar como um governador do Estado se portou num dado momento. O Sr. Leandro Maciel é uma das grandes máscaras dessa democracia de fancaria em que vivemos. [...] Os estudantes sergipanos gravaram em suas consciências esse doloroso acontecimento, como se houvesse passado na época dos Cezares. (17 de outubro de 1957, p.2)

Percebe-se, portanto, que não havia uma relação muito amistosa entre a parcela da sociedade que detinha certo poder intelectual, já que a massa ele “comprava” com a construção de obras públicas. Outro ponto que deve ser destacado na trajetória de Leandro Maciel enquanto governador é o fato dos gastos abusivos⁷.

O sr. Leandro foi acusado pelo periódico de viver uma vida de rico, após entrar para administração pública do Estado de Sergipe, tendo também dado boas condições de vida para os seus correligionários, enquanto o estado se afundava em dívidas infundáveis. Enriquecimento pessoal e atraso das contas públicas eram denunciados a todo momento. A *Gazeta* era bem taxativa e combativa em relação aos escândalos que envolvessem o governador, até porque era prioritário desqualificá-lo, para que assim o periódico elege-se um dos seus.

O primeiro ano de governo do Sr. Leandro Maciel foi deveras abordado pela *GS*, mas os escândalos passam a ser mais enfatizados em 1957-1958, assim, o periódico passa a ser cada vez mais veemente nas críticas feitas ao governo. No editorial *Vida de Rico* de 09 de janeiro de 1958, fica claro que o jornal acaba por fazer sensacionalismo, o fato existia, mas a *GS* procurava engrandecê-lo:

[...]A ostentação do governo do Sr. Leandro Maciel se revela nas menores cousas (sic). O exquisiteso (sic) é que o Sr. governador sempre foi um homem modesto. Tido até como <pão-duro>. Agora, porém, no governo do Estado se compensa das limitações adotadas em toda sua existência. Gasta, gasta a valer e os impostos foram aumentados, apesar das suas afirmações em contrário, quando candidato a governador. (Gazeta de Sergipe, 09 de janeiro de 1958, p. 2 – grifo nosso).

De acordo com o diário, a política comandada por Leandro Maciel tinha como único objetivo o empobrecimento do estado, tido também como uma administração “ônus para as gerações futuras”, uma vez que, de acordo com o jornal, fazia politicagem, além do seu perdularismo e fachadismo que prejudicava os cofres públicos.

No final de 1958 e início de 1959, cessam as críticas à Leandro Maciel, no entanto, dois editoriais de janeiro de 1959 são extremamente carregados de repulsa ao governo. O primeiro é publicado em 22 de janeiro e tem como título *Sexo dos anjos*. Nessa publicação Maciel é definido como “simulador, vingativo, mesquinho, sem grandeza para deixar traços marcantes” (*Gazeta de Sergipe*, 22 de janeiro de 1959, p.2). O segundo data de 31 de janeiro de 1959, final do mandato de Leandro Maciel e posse de Luiz Garcia, a *Gazeta* dá a cartada final sobre a administração leandrista, alegando ter sido esta um caos para a economia estadual.

Ao ter sido eleito Luiz Garcia sabia dos riscos que encontraria. A *Gazeta de Sergipe* continuaria sendo o órgão de fomento às críticas governamentais. As objeções ao governo de Garcia vieram em menor proporção. A violência continuara sendo um dos temas mais debatidos, além da frágil economia sergipana e do espírito de autossuficiência do governador, que para o jornal foi herdado de Leandro Maciel. Esse termo foi utilizado após a recusa na exploração dos minérios sergipanos. Fato esse registrado editorial *As barricadas do governador* de 26 de fevereiro de 1959.

Apesar da quantidade de jornais em que aparecerem exprobrações a Garcia sejam menores do que as de seu antecessor percebe-se que o teor das críticas não é modificado, em editorial de 21 de abril de 1954, intitulado *Paz de Cemitério*, o periódico comenta a suposta diferença do governo que assumira em 1959: “e o governo de Luiz Garcia que muitos supunham ser algo diferente do anterior, continua na mesma trilha”.

Considerações finais

Na sociedade contemporânea os meios de comunicação exercem especial poder no que diz respeito à sociedade X política, uma vez que influenciam o modo com o qual as pessoas veem o seu governante. Assim sendo, podemos dizer que o poder exercido pela *GS* nos anos que funcionou, foi importante para os chefes de Estado naquele momento. Durante o governo de Leandro Maciel a sua popularidade acabou por cair substancialmente, tanto que o mesmo não conseguiu exercer mais nenhum cargo político, além disso, o governador que sucedeu Maciel – Luiz Garcia -, também foi veemente criticado, chegando a ser acusado por corrupção, já o seu sucessor Seixas Dória, foi o “escolhido” pela *Gazeta* para ser o governante “ideal”, sendo assim, seu curto governo (1962 – 1964)⁸, foi marcado por elogios e regozijos.

¹ Graduanda do 8º período em História Licenciatura/UFS. Bolsista PIIC/COPEs. Tendo como orientadora a Profª Drª Célia Costa Cardoso (Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe). Email: carlareisufs@gmail.com

² De acordo com o cientista político Ibarê Dantas em sua obra *A tutela Militar em Sergipe 1964/84: partidos e eleições num estado Autoritário*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997 o periódico *Correio de Aracaju* pertencia à União Democrática Nacional.

³ Dentre os títulos temos: “Estado ou Território”, “Educação e Cultura e a mensagem governamental”, “Problemas do Governo”, “Problemas da Saúde Pública”, “A Situação financeira do Estado”, “Moralidade Pública”, “Uma oportunidade”, “Afinal a mensagem”, “Os mouribixabas sergipanos”, “Crise de autoridade”, “Crítica à mensagem governamental”, “Balanço de uma administração”, “Política de Desenvolvimento econômico”, “A demagogia do governo do Sr. Leandro Maciel”, “A guarda petroriana do governo estadual”, “O homem de governo”, “O seu governo é bem o espelho de seu pensamento e não pode merecer as atenções nacionalistas”, “Nacionalismo quer dizer respeito à legalidade democrática e cumprimento da lei”, “Sergipe vive sob o domínio de forças corruptoras”.

⁴ Editorial *Balanço de uma administração, 30 de janeiro de 1957: 1*

⁵Sessão disponível em:
http://www.agenciaalese.se.gov.br/agenciaalese/interna.wsp?tmp_page=interna&tmp_codigo=2947&tmp_secao=2&tmp_topico=Not%EDcias, acessado em 22/08/2012 às 15:50h.

⁶ Entendido aqui como a inclusão de um texto que possua condições necessárias para produção e recepção em seu contexto (Input CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique, 2008:169)

⁷ Vale ressaltar que essas são ideias transmitidas pelo jornal.

⁸ Seixas Dória pertencia a cisão da UDN, denominada Esquerda democrática e acaba sendo deposto pelo golpe civil-militar de 1964.